



FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI - SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 23 DE FEVEREIRO, DE 2026 - 21H00



São algumas as excelentes comédias produzidas pelos Ealing Studios em Inglaterra, em finais da década de 40 e inícios da de 50 do século passado. Algumas excelentíssimas, mas a comédia genial desse período é decididamente “O Quinteto era de Cordas”, uma indiscutível obra-prima que combina na perfeição o típico humor inglês com o humor negro, neste caso também muito tipicamente britânico.

Algumas décadas depois, os magníficos irmãos Cohen tentaram recuperar o clássico, numa nova versão encabeçada por Tom Hanks, mas esse terá sido um dos poucos falhanços desta dupla de irmãos. Na verdade, o remake não tem metade da graça do original.

Tudo parece perfeito, neste filme dirigido com subtilidade por um inspiradíssimo Alexander Mackendrick, com base num belíssimo argumento escrito por William Rose (que ganharia o Oscar de Melhor Argumento do Ano), e com uma interpretação absolutamente fabulosa de Alec Guinness que aqui comanda um gang de que fazem

parte Peter Sellers, Cecil Parker, Danny Green e Herbert Lom, que se instalam em casa de Mrs. Louisa Wilberforce, uma velhinha saborosamente interpretada por Katie Johnson. A fotografia é mágica (Otto Heller), a partitura musical é soberba (Tristram Cary), muito bem acolitada pela sonoplastia que, só por si, é um achado de humor.

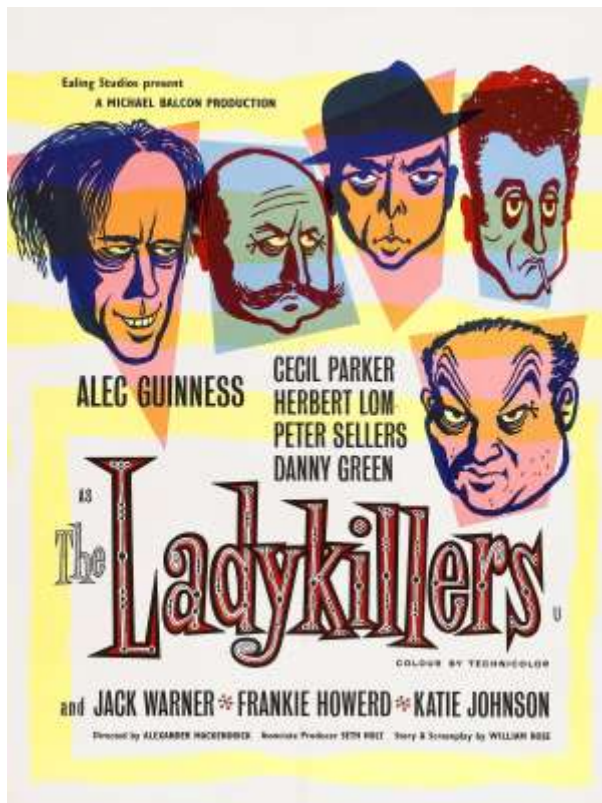
“The Ladykillers” tem um arranque sem mácula, acompanhando as deambulações de uma velha senhora de sombrinha na mão, que passeia pelas ruas londrinas do seu bairro, e visita a esquadra de polícia da área, onde fala com o chefe e lhe coloca os seus problemas. Percebe-se que é acontecimento recorrente, pela forma como os agentes a olham e lhe respondem. Até o esquecimento do guarda-chuva é habitual. Mas, neste universo banal, repetitivo e aparentemente despreocupado, uma sombra paira, insinuando o perigo, a ameaça. A música sublinha devidamente o facto, levando a pensar numa influência de “Matou”, de Fritz Lang, mas agora numa versão satírica. Acompanhamos a velhinha no seu regresso a casa e seguimos igualmente a sombra que a persegue. Quando ela fecha a porta, a sombra toca à campainha. Vem responder a um anúncio que oferece o aluguer de quartos. O Professor Marcus acha o lugar encantador, é mesmo isso que ele precisa, ele que é professor de música e quer ensaiar com os seus amigos, um quinteto de cordas, amador, sem a perturbação de vizinhos. A velhinha adora música, clássica de preferência, acolhe o hóspede com a maior gentileza e, no dia seguinte, vê chegar o quinteto, com os seus instrumentos, subir escada acima onde se começa a ouvir uma delicada melodia (que roda num gira-discos), enquanto o gang prepara um assalto a uma carrinha que transporta muito dinheiro.

Não vale a pena continuar com a enumeração que retiraria suspense à obra. Os intérpretes são notáveis, a estrutura narrativa é brilhantemente conduzida, o sublinhar sonoro, musical e de ruídos, é deliciosamente tenebroso, o ambiente criado em redor da velhinha e do seu acolhedor lar, muito british, é inesquecível, o guarda-roupa merece referência especial, pelo seu requinte e invenção (o traje de Alec Guinness com o seu descomunal cachecol ficará para a História), e, repetimos, “O Quinteto era de Cordas” é uma obra-prima.

Nestes casos, mais vale comentar pouco e saborear cada minuto da projecção.



De referir que “The Ladykillers” teve uma adaptação teatral portuguesa da peça inglesa de Graham Lineham com o título “Um Quinteto de Morte”, actualmente em cena no Teatro Armando Cortez em Lisboa, com tradução, encenação, cenografia e figurinos de Frederico Corado e as interpretações de José Raposo, Florbela Queiroz, Carlos Areia (substituído momentaneamente devido a um problema de saúde por José Maria Pinto), Miguel Raposo, Ricardo Raposo, Heitor Lourenço, António Machado, Fátima Severino, Natália Guimarães e Teresa Sanches.



O QUINTETO ERA DE CORDAS

Título original: The Ladykillers

Realização: Alexander Mackendrick (RU, 1955); Argumento: William Rose, Jimmy O'Connor; Produção: Seth Holt, Michael Balcon; Música: Tristram Cary; Fotografia (cor): Otto Heller; Montagem: Jack Harris; Direcção artística: Jim Morahan; Guarda-roupa: Anthony Mendleson; Maquilhagem: Alex Garfath, Daphne Martin; Direcção de Produção: Hal Mason, David Peers; Assistentes de realização: Tom Pevsner, Michael Birkett, John Meadows; Departamento de arte: W. Simpson Robinson; Som: Stephen Dalby; Efeitos especiais: Sydney Pearson, Companhias de produção: The Rank Organisation, An Ealing Studios Michael Balcon;

Com: Alec Guinness (Professor Marcus), Cecil Parker (Claude ou Major Courtney), Herbert Lom (Louis ou Mr. Harvey), Peter Sellers (Harry ou Mr. Robinson), Danny Green (One-Round ou Mr. Lawson), Jack Warner (o superintendente), Katie Johnson (a velha senhora), Philip Stainton (sargento), Frankie Howerd, Madge Brindley, Hélène Burls, Kenneth Connor, Michael Corcoran, Harold Goodwin, Fred Griffiths, Lucy Griffiths, Phoebe Hodgson, Vincent Holman, Anthony John, Stratford Johns, Evelyn Kerry, Sam Kydd, Edie Martin, Jack Melford, Robert Moore, Arthur Mullard, Ewan Roberts, George Roderick, John Rudling, Leonard Sharp, Peter Williams, Neil Wilson, etc.

Duração: 91 minutos; Zon Lusomundo; Classificação etária: M/ 12 anos; Data de estreia em Portugal: 22 de Novembro de 1956.

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL | SEGUNDA-FEIRA, 2 DE MARÇO DE 2026

Masterclass “Polícias e Ladrões- O Cinema à Lei da Bala”, 21H00 (entrada livre)

“ROUBEI UM MILHÃO”, de Charles Crichton (1951)